

A Universidade nas frestas: manifesto por uma extensão sentipensante

gleicielly zopelaro braga¹, Jaqueline Gomes de Jesus²

Resumo

Este texto propõe uma travessia poética e ética pela universidade, questionando as estruturas coloniais que ainda sustentam o saber e o ensinar. Inspirado por autores como Paulo Freire, Dussel, Krenak e Conceição Evaristo, o manifesto convoca uma educação que brota do chão, das águas e das gentes – uma extensão que sente e pensa, que escuta e partilha. A narrativa entrelaça a crítica à colonialidade do poder, conforme Aníbal Quijano, à urgência de uma ética do cuidado e da alteridade, como propõe Dussel, e à florestania de Krenak, que resgata a vida como território comum. A extensão sentipensante, assim, é apresentada como corpo inteiro, prática que se enraíza no território e floresce no encontro entre universidade e comunidade, na qual o saber não é extraído, mas composto, partilhado e vivido. Trata-se, desse modo, de um manifesto por uma universidade que respira, escuta e caminha com o mundo.

Palavras-chave

Extensão sentipensante. Colonialidade do saber. Educação libertadora. Florestania. Ética do cuidado.

¹ Doutoranda em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva na Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil; professora no Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: gleici_braga@hotmail.com.

² Doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil; pós-doutora pela Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, Brasil; professora na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil; professora na Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil; professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Brasil; pesquisadora-líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Cultura, Identidade e Diversidade nesta mesma instituição. E-mail: jaqueline.jesus@ifrj.edu.br.

The University in the cracks: a manifesto for a sentipensante outreach

gleicielly zopelaro braga¹, Jaqueline Gomes de Jesus²

Abstract

This text proposes a poetic and ethical journey through the university, questioning the colonial structures that still sustain knowledge and teaching. Inspired by authors such as Paulo Freire, Dussel, Krenak, and Conceição Evaristo, the manifesto calls for an education that springs from the ground, from the waters, and from the people – an outreach that feels and thinks, that listens and shares. The narrative intertwines a critique of the coloniality of power, as proposed by Aníbal Quijano, with the urgency of an ethics of care and alterity, as articulated by Dussel, and with Krenak's notion of *florestania*, which reclaims life as a shared territory. *Sentipensante* extension, thus, is presented as a whole-body practice, one that takes root in the territory and flourishes in the encounter between university and community, where knowledge is not extracted but composed, shared, and lived. It is, therefore, a manifesto for a university that breathes, listens, and walks with the world.

Keywords

Sentipensante outreach. Coloniality of knowledge. Liberatory education. *Florestania*. Ethics of care.

¹ PhD candidate in Bioethics, Applied Ethics, and Public Health, Oswaldo Cruz Foundation, State of Rio de Janeiro, Brazil; professor at the Arthur Sá Earp Neto University Center, State of Rio de Janeiro, Brazil. Email: gleici_braga@hotmail.com.

² PhD in Social, Work, and Organizational Psychology, University of Brasília, Federal District, Brazil; postdoctoral fellow at the Getúlio Vargas Foundation, State of Rio de Janeiro, Brazil; professor at the Federal Rural University of Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil; professor at the Oswaldo Cruz Foundation, State of Rio de Janeiro, Brazil; professor at the Federal Institute of Education, Science, and Technology of Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil; lead researcher of the Interdisciplinary Research Group on Culture, Identity, and Diversity at the same institution. Email: jaqueline.jesus@ifrj.edu.br.

primeiros passos

Na jornada do aprendizado universitário, estudantes, professores e comunidade se entrelaçam em uma trama de afetos, saberes e trocas que tecem o que intitulam de tripé universitário. Certo? Vamos de dedo de prosa (braga³, 2023).

A extensão forma o tripé ao lado do ensino e da pesquisa, pilares de um saber que deveria ser fio tecido em trama, entrelaçado, indivisível. Porém, na maioria das vezes, são campos apartados, cercados, enrijecidos por muros de hegemonia e poder.

Carregada de colonialidade, a universidade, por vezes, se molda em uma máquina centralizada, em que o ensino deságua em aulas distantes – teorias que flutuam sem toque de vida, abstratas, esquecidas do chão que as sustenta.

E a extensão? Ah, essa que pouco oferece ao capital científico, na perspectiva colonial, é, no entanto, o sopro de ar entre as frestas, um respiro em meio ao concreto, no qual a prática floresce e, por vezes, faz brotar o frescor de outro horizonte.

Aqui riscamos uma extensão sentipensante, comprometida junto à vida, que nos convida a sentir, dialogar, acolher a outra em sua história, memória e identidade. Não se trata de uma transmissão unilateral de conhecimento, tampouco de um extrativismo do território ou das gentes. É uma troca, um cuidado mútuo, no qual o que se oferece e o que se recebe se somam, crescem e se fortalecem de forma respeitosa e afetuosa.

Este texto, antes de qualquer domínio, é uma interrogação reflexiva acerca de não recentes desassossegos. Não acreditamos⁴ no fechamento, mas no processo. Processos são cíclicos, são vivos. Por isso, convidamos as leitoras a caminhar conosco. Ao longo das próximas linhas, parágrafos e páginas, tome seu tempo. Cuidadosamente, sugerimos passos leves e comprometidos. A trilha guarda seus encantos, permita-se apreciá-los. Mas sabemos também

³ Uma das autoras deste artigo, opto pelo nome e sobrenome grafado em minúsculo, como uma “transgressão” inspirada em bell hooks.

⁴ No texto, a alternância entre a primeira pessoa do singular e do plural é intencional. Enquanto o singular marca o lugar de fala das autoras, o plural busca convocar a leitora para uma experiência compartilhada, em consonância com uma perspectiva de conhecimento como construção relacional e processual.

que ela pode ser árdua: as provocações e reflexões podem ocasionar desconforto, tirar do lugar comum.

manifesto

Arreda homem, que aí vem mulher!
(Maria, 2024, 0s-10s)

Meu caminhar vem de outras bandas. Sou filha das terras vermelhas, onde o chão pulsa quente e vivo sob os pés descalços. Nasci nos cantos dos trinca-ferros e sabiás. Fui entregue às correntezas dos rios caudalosos, que me banham com suas águas e me ensinam o caminho de seus afluentes. Meu destino é entre as matas densas, onde a vida se entrelaça em cada folha, os vales guardam segredos ancestrais e as montanhas se erguem como sentinelas da história.

Minha cura vem do vento que sussurra sabedorias antigas, daquelas que vieram antes de mim, das que cuidaram da terra e da alma. Nas chamas da noite silenciosa, me refiz mil vezes, forjada no calor das brasas, nas sombras dos ciclos que terminam e recomeçam. Minhas cicatrizes são mapas de uma resistência que atravessa gerações, marcas que narram a sobrevivência de quem luta com o coração e com a raiz. Sou descendente das pessoas guardiãs da Zona da Mata, aquelas que conhecem o silêncio da floresta e a força que brota do chão. Sou de Minas Gerais, terra que carrega a história no corpo e a esperança nas montanhas.

Nessas terras robustas, desde a minha infância, presenciei o saque silencioso que rasgou nossa história e feriu nossas raízes. Assim como minhas avós e bisavós viram suas vidas arrancadas e seus corpos explorados, eu vi nossas terras serem violadas, seus ciclos interrompidos. Levaram nossas pedras que dormiam nas profundezas, o ouro que brilhava no coração dos vales, e levaram nossa gente, fonte de vida e sabedoria. Em cada pedaço arrancado, uma parte de nós foi levada também.

No meu tempo, os invasores não pararam. As árvores, nossas irmãs, de troncos largos e histórias antigas, viraram mercadoria. As mãos que não conhecem a terra pelo afeto, mas pelo lucro, arrancaram nossa floresta sem piedade. Vi, com meus próprios olhos, o destino das árvores, aquelas que nos protegiam da fúria do sol e do tempo sendo negociadas como produtos. As montanhas, antes cobertas de verde, agora nuas, revelam cicatrizes profundas, como se a terra

gritasse silenciosamente por socorro. O solo, antes fértil e generoso, foi mutilado para alimentar o desejo insaciável de riqueza imediata. O pasto que agora domina o horizonte esconde o passado das matas que sussurravam histórias antigas ao vento. O que antes era abundância, hoje é ausência. Árvores nativas, mães de cura e tradição, foram substituídas por aquelas que se transformam em móveis e lucro, mas não em vida.

Foi esse cenário de devastação que a modernidade criou, com sua promessa de progresso. Ela chegou impondo suas leis de ferro, separando a vida da terra, o espírito da matéria, o humano da natureza. A Modernidade, filha do tempo em que o homem decidiu que podia dominar o mundo, ergueu-se como uma força que tudo fragmenta, tudo controla, tudo transforma em objeto. Ela nasceu do desejo de poder, de conquistar, de explorar. Nela, o outro não é mais um ser, mas uma coisa a ser usada, manipulada, arrancada de suas origens para servir a um propósito maior: o acúmulo, o avanço, o controle.

Extraímos os frutos das árvores
Expropriam as árvores dos frutos

Extraímos os animais da mata
Expropriam a mata dos animais

Extraímos os peixes dos rios
Expropriam os rios dos peixes

Extraímos a brisa do vento
Expropriam o vento da brisa

Extraímos o fogo do calor
Expropriam o calor do fogo

Extraímos a vida da terra
Expropriam a terra da vida

Politeístas!
Pluristas!
Circulares!

Monoteístas!
Monistas!
Lineares!

(Santos, 2015, p. 17)

Essa lógica fria de entender a terra como recurso é muito distante do que os antigos nos ensinavam. Há um outro caminho, no qual o solo é visto não como um recurso a ser explorado,

mas como um ser vivo, uma extensão de nós mesmos. Nesse caminho, o uso consciente da terra é uma prática de cuidado, de escuta e de reciprocidade. É o entendimento de que a terra nos dá, mas também precisa receber. Não se trata apenas de tirar o que é necessário, mas de devolver o que foi tomado, de replantar o que foi colhido, de nutrir o solo com o respeito que ele merece. Aqui, a colheita não é sinônimo de perda, mas de renovação. O respeito pelos ciclos naturais, o reconhecimento de que a vida se tece em rede, em que cada árvore, cada riacho, cada animal e cada ser humano têm um papel a cumprir. Essa relação de respeito transforma o uso do solo em um ato de gratidão e generosidade, em que colhemos sem devastar, aprendemos sem destruir e devolvemos à terra o cuidado que ela nos oferece.

Nesse caminho, a sustentabilidade é mais do que uma palavra: é uma prática cotidiana, em que a vida segue seus ritmos naturais e o homem se coloca como parte do todo, não acima dele. Não há extrativismo nesse processo, pelo extrativismo ser marcado pela ganância, pela violência de arrancar e esgotar, enquanto o uso consciente da terra é marcado pelo amor, pela partilha e pelo compromisso de proteger o que nos sustenta.

inquiétudes

Tenho desassossegos. Quando penso no que fazer com tantas ventanias que me atravessam a partir do meu ser estar no mundo, escrever é o que me ocorre. Sempre foi assim, desde nova. Nesse sentido, compartilho e me aconcho em uma escritora norte-americana de origem mexicana, que diz a nós, escritoras do terceiro mundo:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. [...] Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever.
(Anzaldúa, 2000, p. 232)

Escrevo como quem respira. A cada palavra, encontro um ponto de orientação, um momento de repouso, mesmo que breve. É no movimento do vento que encontro minhas asas e, nas palavras, possibilidade de sentido.

As ventanias sopram forte, trazendo consigo uma pergunta que ecoa há tempos: que educação é essa que ainda insiste em enraizar-se no solo árido do colonialismo? Essa educação que desenha fronteiras, que conta histórias rasas, chamadas de oficiais. A história que aprendi, que muitos de nós aprendemos, é uma história contada por quem conquistou, por quem dominou. Mas e a história real? Onde está? Nas margens dos rios adoecidos, nos cantos abafados dos pássaros, nos corpos que resistem.

Como bem nos alerta Enrique Dussel (2002, p. 120), a modernidade – essa que molda o nosso saber – surge junto ao colonialismo, ela “se constitui como um mito sacrificial”. E então, eu pergunto: a educação, assim como a modernidade, sacrifica quem?

Nenhum europeu, ao cruzar o Atlântico, carregava em si o sopro de criar um novo mundo. Não. O vento que os trouxe era o mesmo que devastava, que secava rios, e o modelo colonial que plantaram era feito para domesticar, domar mentes e apagar memórias que brotavam da terra como sementes nativas. A educação virou ferrugem nos troncos, um processo metódico de extração. O problema é antigo. Quando nossa terra foi invadida, a educação já atracou marcada pelo açoite da desigualdade.

As vozes ancestrais ecoam, lembrando que “[a] crise da educação no Brasil não é uma crise; é projeto”, como Darcy Ribeiro denunciou em 1978 (p. 183). O sistema foi feito para fracassar. A herança colonial se entranhou nos currículos, alimentando a falsa ideia de uma única forma de produzir ciência e conhecimento. Envenenaram os corpos e territórios com essa ilusão, apagaram a sabedoria das águas, das florestas, dos ventos, que sabiam como viver em harmonia antes da chegada das correntes de ferro.

O projeto de educação sempre foi arrancar o que era nosso, domesticar aquilo que as elites coloniais e seus herdeiros – sustentados por uma lógica eurocêntrica e civilizatória – nomearam como selvagem, destruindo a identidade das pessoas desta terra. Mas, como diz Conceição Evaristo (2006), as palavras atravessam como flechas, e essas flechas, quando encontram pessoas comprometidas em suas encruzilhadas, rasgam os céus em inquietudes.

Entre o disparo das flechas e a (des)construção que aqui provoco, ecoa a pergunta: onde se encontra a trama da Universidade?

A Universidade, mais do que um lugar de saber, é um território de encontros múltiplos, onde a sociabilidade se enreda com a troca de saberes e a construção de afetos. Mas ela também é, e não podemos esquecer, um espaço em que se propagam e se questionam ideologias. Para além de um simples repasse de informações “neutras”, a educação, desde os primeiros traços, sustenta e reproduz valores, crenças, preconceitos de raça, classe e gênero. A neutralidade na educação é um mito que nos contaram e no qual alguns seguem acreditando.

Se, como nos lembra Aníbal Quijano (2005), a colonialidade do poder é a matriz que organiza e sustenta as desigualdades que vivemos, então, a educação não está livre desse ciclo. Ela tem sido, por séculos, uma ferramenta de opressão, introjetando nas mentes e nos corpos os sistemas de representação que nos moldam e nos limitam. A Universidade, assim como outras instituições de ensino, espelha e (re)constrói os aspectos culturais dominantes. E esse processo não se dá apenas de maneira explícita, nos conteúdos programáticos. Ele se infiltra nas relações cotidianas, nos olhares silenciosos, nas hierarquias implícitas, nas comunicações que a escola faz com outros espaços culturais e comunitários. A educação é uma prática de poder.

A educação, se não libertadora, é colonizadora – já nos contava Paulo Freire (2011) –, e não há como negar que a educação que vivemos, em sua maioria, perpetua as amarras coloniais. Libertar-se desse ciclo significa, como Freire (2011) nos ensina, promover uma educação que não impõe, mas que convida ao diálogo, que reconhece a autonomia do ser, a sua capacidade de ler o mundo e transformá-lo. A educação, para ser libertadora, precisa ser um ato de amor e coragem, um encontro em que o saber não é verticalizado, mas compartilhado, em que corpos e mentes oprimidas sejam mais do que ouvidas e reconhecidas, mas que componham, compartilhem.

Libertar-se, então, é também um exercício ético. Não há educação libertadora sem uma ética que reconheça o outro em sua inteireza, sem um olhar que se desfaça das lentes coloniais que hierarquizam o saber e o ser. Quando o ato de educar se torna gesto de cuidado, ele ultrapassa o campo do ensino e adentra o território da ética – uma ética que escuta, que acolhe, que se curva diante da diferença como potência, e não como ameaça.

A ética que Dussel (2002) propõe é uma ética do reconhecimento, uma ética que abraça a alteridade, que entende que a outra não pode ser objeto, mas sim sujeita plena de seu próprio saber. Mas, em nossas escolas, onde está essa ética? Em que momento permitimos que a educação se transformasse em um espelho quebrado, refletindo apenas fragmentos de uma história incompleta, desigual, colonial?

Pulverizando pelas frestas, firmo no chão e convidamos Ailton Krenak (2019). A terra nos dá as pistas. Violentada pelo extrativismo colonial, resiste, assim como os saberes que ela guarda. Mas será que conseguimos ouvir essa terra? Ou estamos tão imersos nesse sistema de ensino que já não reconhecemos mais a vida que pulsa fora dos muros das escolas e universidades? Como podemos falar de ética se não conseguimos ver a outra em sua plenitude? Se a educação segue replicando as mesmas lógicas opressoras?

A natureza nos ensina sobre equilíbrio, reciprocidade. O vento sopra, a chuva cai, o solo recebe e devolve. E a educação, o que ela devolve? Devolve-se aquilo que se ensina: hierarquias, silêncios, exclusões. Os saberes que nascem na experiência, que brotam da vivência, das histórias não contadas, ficam às margens.

Costuro aqui outra questão para somar à trama: podemos nos libertar de uma razão que, desde o princípio, excluiu o outro? Podemos, eu me pergunto, ensinar de forma que a educação seja libertação e não colonização? Será que nossas escolas e faculdades estão preparadas para essa revolução ética, essa volta às raízes, esse reencontro com a outra?

E se o saber viesse do encontro? E se a educação fosse como a água, fluida, acolhedora, que encontra as pedras no caminho e as contorna, sem violentar, sem impor sua força? Que educação seria essa que reconhece a dor da outra, que respeita seus saberes, que acolhe sua história? Uma educação que deixa de ser colonialista, extrativista, para ser, enfim, partilha.

circulando a palavra

Aqui temos uma fresta.

Entre as questões aqui lançadas e a crítica que ecoa ao modelo de ensino, há um campo fértil, uma terra úmida na qual a reflexão pode florescer. É nesse intervalo, nesse espaço de silêncio

e espera, que a transformação germina. Nesse momento, querida leitora, reforço: que lugar a Universidade ocupa nesse ciclo de exclusão? Que papel ela desempenha na trama do cuidar? A educação não pode continuar a ser um ato de colonização, uma ferida que não cicatriza. Ela precisa, como Dussel (2002) nos lembra, romper com essa lógica rígida e se abrir ao encontro com a outra, com a diversidade, com o inesperado.

Quando penso no tripé acadêmico, logo me vem a Extensão como caminho para o rompimento acerca do qual aqui estamos dialogando.

Mas de que Extensão estamos falando?

A extensão pode servir para muitas coisas – para a manutenção desse modelo de desenvolvimento que promove o extermínio de corpos, sentimentos e culturas, ou para o rompimento com essa lógica hegemônica e a fundação de um novo modelo de desenvolvimento, onde as vidas, os afetos, as culturas, as histórias e as experiências importam.
(tammela⁵, 2022, p. 150)

Uma extensão extrativista é marcada pela exploração e apropriação de saberes e recursos. Nesse modelo, a Universidade se apresenta como um agente externo, que se desloca para o território com o único intuito de extrair riquezas – sejam elas naturais, culturais ou de saberes ancestrais – sem a intenção de devolver ou contribuir para o fortalecimento da comunidade. O saber acadêmico é imposto como uma verdade universal que deve ser replicada, sem considerar as formas de saberes e as práticas de vida que já existem. A extensão extrativista compreende o território como um campo de experimentação, onde o conhecimento científico é exercido sem o diálogo real com a vivência e a experiência territorial. O foco está na aplicação unilateral de uma perspectiva: a acadêmica. Essa prática perpetua relações desiguais de poder, nas quais a comunidade se torna objeto de estudo, elementos a serem “tratados”, “corrigidos” ou “melhorados” pelo conhecimento acadêmico.

A extensão sentipensante nasce da reflexão desse modelo anteriormente consolidado. Brota como a chuva fina que se mistura à terra, sem pressa de impor seu caminho, mas sim se deixando absorver pelo solo, em respeito profundo ao território. Na lógica da colonialidade do saber, como aponta Maldonado-Torres (2022), os corpos e os conhecimentos são silenciados,

⁵ Assim como braga, ricardo tammela opta pelo nome e sobrenome grafado em minúsculo, como uma “transgressão” a bell hooks.

vistos como margens de um centro que insiste em impor suas marés. A extensão resiste a essa lógica. Ela não é rio que arrasta, mas uma correnteza branda que aprende com cada curva, com cada pedra, confluindo com a memória e a sabedoria das comunidades que o colonialismo tentou apagar.

Extensão que co-habita, com-flui, com-partilha!

Pensar uma extensão com essa substância, é pensar uma universidade diferente. É pensar uma extensão potencializadora da transformação social, através das transformações que acontecem nas miudezas da vida. Uma extensão que constrói suas ações junto com as gentes das classes populares, através das pistas que vão sendo recolhidas quando os encontros com essas gentes acontecem e através desses encontros, o diálogo amoroso, o afeto, a solidariedade na luta por um mundo mais bonito.
(tammela, 2022, p. 151)

Krenak (2019) nos ensina que o território não é apenas solo a ser pisado, mas um ser vivo, uma entidade com a qual devemos nos relacionar e da qual devemos cuidar. A extensão sentipensante segue essa trilha, enraizando-se na terra, ajustando-se ao relevo, escutando as vozes que o colonialismo tentou silenciar, mas que seguem pulsando no chão, nas águas, nos seres.

Como o tempo que molda montanhas, essa extensão se recusa a se enquadrar nas formas rígidas da lógica eurocêntrica. Fluida, escorre junto ao território, compõe, se expõe. Nasce do encontro, do vínculo e do afeto. Ela é militância das tempestades, as mesmas que, como nos aponta Krenak (2019), batem no solo para renová-lo, para lembrar que a vida é relação, troca e cuidado. Como a brisa que acaricia as folhas das árvores, a extensão acontece em sintonia entre o sentir e o pensar, a união entre o saber e o ser.

Os caminhos da extensão são, antes de tudo, uma travessia por entre múltiplos trajetos, como nos ensinam Luiz Rufino (2019) em sua *Pedagogia das encruzilhadas*. Esses caminhos não se limitam a uma só via, mas abraçam o cruzamento, o encontro entre saberes, corpos e tempos diversos. Nessa caminhada, não há hierarquia entre o que é orgânico e o que é sintético, entre o ancestral e o tecnológico; tudo se entrelaça, se transforma, criando novas possibilidades a cada passo. São trilhas que dançam na fronteira do encantado, como a ciência das macumbas – saber que se refaz no corpo, no espírito e nas relações que a vida propõe. Essa proposta pedagógica também nos ensina a olhar para os cruzamentos de saberes, para os encontros

inesperados entre o acadêmico e o popular, entre o técnico e o vivido. As encruzilhadas são espaços de disputa, mas também de construção.

A extensão sentipensante, com sua ideia de encontro, é exatamente esse lugar: um lugar onde as certezas se encontram e se misturam, onde não há uma única resposta, mas a construção conjunta do saber. A resistência é, portanto, a criação de novos caminhos, a construção de novos espaços de aprendizagem, em que as práticas acadêmicas e comunitárias se entrelaçam e se reforçam mutuamente.

Essa extensão caminha tanto pelos solos de terra quanto pelas ruas de concreto, ressoando a ideia de Santos (2015) de que somos seres atravessados por espaços orgânicos e sintéticos. Ela não se limita à rigidez acadêmica, mas finca suas raízes no chão da vida, nas comunidades, em suas lutas por reconhecimento e dignidade. Ao mesmo tempo, reconhece que o mundo contemporâneo também é feito de artificios – máquinas e fios que nos conectam de novas formas, criando redes que, mesmo sintéticas, carregam o potencial de afeto, encontros e transformação.

Os caminhos da extensão transitam por esses mundos, sem jamais desvincular-se de sua conexão com o chão ancestral, permanecendo abertos para os horizontes que se desenham no movimento. Essa prática de extensão que é, ao mesmo tempo, afetuosa e política, é também resistência. Uma resistência ao modelo fragmentado que separa, que exclui, que ignora as raízes do ser.

E aqui, a ideia germinante de Ailton Krenak (2022) se faz companheira nas passadas. Florestania. Diferente de cidadania, ela implica reconfigurar nosso olhar e redesenhar nossas percepções. O mestre nos fala de um processo profundo de reconexão com a terra e com nossas raízes, nos chamando a voltar ao que nos nutre, ao que nos habita como sabedoria ancestral. A Florestania, tal como Krenak (2022) nos propõe, não é apenas um lugar físico, mas uma forma de existir, uma maneira de ser no mundo, de se relacionar com a outra, com a terra, com o cosmos.

Essa visão encontra parentesco na proposta de Dussel (2002), quando fala da necessidade de deslocarmos o olhar eurocêntrico, de reconfigurar a modernidade para além da visão colonial que desumaniza e transforma a outra em objeto. O autor também nos convida a retomar nossa

relação com a alteridade, uma outra que não é apenas um indivíduo, mas que pode ser a própria terra, a floresta, a comunidade, o que Krenak (2022) nos aponta em Florestania.

Assim como Dussel (2002) propõe uma ética da libertação, uma ética que devolve dignidade àqueles historicamente invisibilizados, a Florestania pode ser lida como uma ética do cuidado, em que as raízes que nos ligam à terra também nos conectam umas às outras. Assim como as árvores entrelaçam suas raízes no solo, nós, seres humanos, devemos nos entrelaçar, reconhecendo nossas pluralidades, nossas histórias e nossos saberes. É um convite para reimaginar a existência, para compreender que o outro e a terra são partes indissociáveis de quem somos. Aqui, as propostas de Krenak (2022) e Dussel (2002) se tocam, no resgate da dignidade que pulsa na vida, na natureza e na pluralidade dos seres.

Nessas encruzilhadas, temos o compromisso da extensão sentipensante, que não se contenta com uma visão de mundo que separa o humano da natureza, que dissocia o corpo do território. Ela pode também ser observada como prática da floresta que cresce em nós, um espaço de reciprocidade, no qual a terra da outra é também a nossa terra, e, ao cuidar da terra, cuidamos umas das outras.

A extensão sentipensante no território é uma prática acadêmica que se constrói no entrelaçamento de saberes, na troca de experiências e no respeito pelas diferentes formas de conhecimento. Ela não é apenas um espaço de ensino e aprendizagem, mas um lugar de partilha e acolhimento, no qual as fronteiras entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento popular se desfazem, criando uma rede de afetos e saberes coletivos.

No fazer, essa extensão se concretiza quando as pessoas do território – as extensionistas – se encontram e coabitam um espaço de diálogo, sem hierarquias, mas com a escuta afetuosa e disposta a aprender. A comunidade, que antes poderia ser vista como mera receptora de uma ação extensionista, torna-se protagonista desse processo. Traz consigo um vasto repertório de saberes e experiências tão valiosos quanto os conhecimentos acadêmicos. Compartilha suas histórias, suas lutas, suas conquistas e seus desafios, tornando o espaço acadêmico mais plural e sensível. Nesse intercâmbio, o saber acadêmico se adapta, se flexibiliza, torna-se mais humano, mais conectado à realidade do território.

As alunas extensionistas, por sua vez, tornam-se parceiras nesse processo. São coautoras da experiência de extensão. Sua presença no território é marcada pela sensibilidade, pelo desejo de aprender e também de compartilhar, por meio de suas próprias vivências, dúvidas e descobertas. As alunas se conectam com a comunidade, estabelecendo laços que vão além da academia, com uma relação afetiva e de pertencimento que as transforma.

As professoras extensionistas, com suas bagagens teóricas e suas experiências de ensino, caminham pelo território com o compromisso de não ser transmissoras de conhecimento, mas de comporem as trocas.

Ao longo dessa convivência, o território se torna o campo de um aprendizado mútuo, um espaço em que não há mais a separação entre o saber acadêmico e o saber popular, entre a teoria e a prática. Ambos se entrelaçam e se complementam, criando um denominador comum, sendo a troca, o respeito e o compromisso com a transformação do território, da vida das pessoas e das práticas acadêmicas. Nesse processo, professoras, alunas e comunidades deixam de ser entidades isoladas e se tornam partes de um tecido coletivo, sensível e pensante, que pulsa em harmonia com o território. E, assim, a extensão sentipensante se realiza, não como um projeto de fora para dentro, mas como uma construção conjunta, viva, pulsante e transformadora.

confluências

Aqui falamos de caminhos que florescem do chão, respeitam os ciclos, as águas, as matas e se recusam a ver o conhecimento como algo encapsulado em muros de cimento. Eles se entrelaçam às árvores, aos ventos e às encruzilhadas da vida, aprendendo e ensinando a partir da troca viva com o mundo. Esses caminhos da extensão são, assim, um canto, uma celebração do encontro entre temporalidades e epistemologias diversas. Alimentam-se do cruzamento entre o passado ancestral, que vibra nas matas e nas tradições, e o presente pulsante, que se refaz nas ruas, nas praças e nas redes digitais. Como uma encruzilhada viva, ensinam-nos não haver um único caminho, mas uma infinidade de possibilidades que se abrem no encontro, no afeto e na disposição para aprender com o outro.

Nesse contexto, ricardo tammela (2024), ao falar da extensão, nos lembra da democracia – que não é uma prática formal, mas uma prática cotidiana – feita de escuta, de cuidado, de solidariedade. A extensão sentipensante é a democracia em ação: no ato de ouvir a outra, de

cuidar, ouvir e ser ouvida. Não se trata de um espaço de igualdade formal, mas de um espaço onde a escuta genuína e o cuidado se tornam os pilares da convivência.

extensão não é braço – é corpo inteiro

que pisa na terra
se deixa molhar
pelo suor
dos que sempre souberam.

Universidade que caminha
sem jaleco
sem salto
sem mapa pronto.

não é favor,
é escuta.

não trazemos respostas
e sim mãos,
ouvidos, palavras
que erram, e
permanecem.

é encontro.
é tropeço.
é atravessamento.

a ciência que dança
com o tambor do quilombo
que se ajoelha no terreiro
e aprende
sem hierarquia.

a saúde
não mora na receita,
mora na roda.
no cheiro do mato.
no choro ouvido sem pressa.

bioética viva –
não de manuais,
mas de corpos em luta,
de espiritualidades apagadas,
de cuidados tecidos em silêncio.

saúde coletiva
é o que se constrói
com pés descalços,
com feijão partilhado,
com histórias contadas à beira do fogão.
extensão sentipensante
é semente
que nega o extrativismo
e floresce
nas brechas.

não se trata de chegar.
mas de estar.

não se trata de ensinar.
mas de partilhar.

não se trata de salvar.
mas de cuidar –
com o outro,
no tempo do território,
nos corpos que resistem
e sabem.

(autoria própria de braga, 2025)

Nessa extensão, somos chamadas a construir, juntas, novos espaços de resistência, novos horizontes de inclusão e justiça. Como Krenak (2019) nos ensina, não há fim do mundo, mas há o fim de um mundo, e o mundo que queremos construir, na extensão sentipensante, é um mundo que nasce do encontro, na escuta, no respeito às raízes e às memórias. Uma extensão às avessas, sentipensante.

com quem proseamos:

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24327358>. Acesso em: 25 mar. 2026.

braga, gleicielly. zopelaro. **Cartas para minha vó**: um dedo de prosa sobre práticas de cuidado e formação em saúde. 2023. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/34716>. Acesso em: 25 mar. 2026.

DUSSEL, E. **Ética da libertação**: na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis: Vozes, 2002.

EVARISTO, C. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Nandyala, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz & Terra, 2011.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MALDONADO-TORRES, N. **Sobre a colonialidade do ser**: contribuições para o desenvolvimento de um conceito. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022.

MARIA Padilha – Arreda homem. Ikaro Ogã OFC. [S. l.]: Ícaro Nathan Silva Montenegro, 14 jul. 2024. 1 vídeo (1 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0WUGSta_K4g. Acesso em: 25 mar. 2026.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

RIBEIRO, D. **Os brasileiros**: teoria do Brasil. Petrópolis: Vozes, 1978.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SANTOS, A. B. **Colonização, quilombos**: modos e significados. Brasília: INCTI; UnB; MCTI, 2015.

tammela, ricardo. narrativas de uma extensão sentipensante: quando caminhamos nessa deriva, acontece o amor. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 23, n. 2, p. 4-18, 2024. DOI 10.14393/REE-2024-74726. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/74726>. Acesso em: 25 mar. 2026.

tammela, ricardo. **nos caminhos de uma extensão sentipensante**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Teologia e Humanidades, Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2022.

Submetido em 7 de outubro de 2025.

Aprovado em 23 de janeiro de 2026.